

CRIAÇÃO

EPOPEIAZINHA

— JONATAS APARECIDO

Posszinha! Eu é a posszinha da mamãe! Mas meu nome é posszinha não. É Gabriel. É nome de anjinho o nominho meu. Eu é a posszinha da mamãe porque ela dizia que eu é a posszinha pequetitinha dela.

A mamãe tem nome de flor! Rosa! Ela dizia que me amava! Assim ó, do tamanho do mundo! Outro dia eu perguntei o que é amar. Aí, ela disse que era quando o coração da gente bate forte e rápido e dá uma vontade de abraçar, e abraçar e abraçar.

Eu gosto quando a mamãe me abraça porque eu sinto o coração da mamãe batendo dentro do meu peitinho. Me dá uma vontade de gritar e pular e rir um tantão. Teve um dia mamãe perguntou como é que pode caber tanta alegria dentro de uma posszinha tão pequetitinha. Aí, eu disse que a mamãe era grandona e quando o amor da mamãe batia dentro do meu peitinho não cabia e derramava num tantão de risada. Aí, a mamãe também derramou de rir. De vez em quando, eu acho que o meu amorzinho também não cabe no peito da mamãe.

Mas eu acho que tristeza, sabe, é quando não tem ninguém pra abraçar a gente. Aí o peito fica vazio, sem nenhum amorzinho batendo dentro. E de tão sozinho o olho faz chuva pra abraçar o coração.

Porque, sabe, outro dia eu fui lá na casa do vovô. Eu, mamãe, papai, juntinho. O vovô mora pertinho lá de casa, mas a rua do vovô é grandona e continua indo láaaaa pra frentão. Não dá nem pra ver onde acaba, nem quando o papai me leva de cavalinho. O vovô fala que essa rua, de tão grandona, só acaba lá no fim do mundo. Na frente da casa dele, também tem um terreno, sem casa nem nada, que só tem flor. Tantão assim de flor. A casa do vovô é legal porque ela também é grandona, e ele conta que é um labirinto, um lugar que todo mundo fica perdido só pra brincar de esconde-esconde. Eu gosto de brincar de esconde-esconde. Vovô diz que esconde-esconde é quando a gente fica um pouquinho perdido só pra sentir saudade e procurar todo mundo de novo. Ele conta que escolheu nunca deixar de ser criança, só pra poder brincar de esconde-esconde, pra sempre.

Daí, quando a gente chegou lá na casa do vovô, ele me abraçou e riu um tantão e disse que era pra gente brincar de esconde-esconde. Mas o papai e a mamãe falaram que, antes de brincar, era pra eu fazer o para casa da escolinha primeiro. Essa hora vovô fez carinha triste. Eu corri e abracei as perninhas dele

e falei pro vovô não ficar triste, que eu emprestava pra ele as minhas risadas. Aí todo mundo começou a rir, sem nem querer mais parar. Sabe, tem hora que eu acho que o meu amorzinho também não cabe no peito deles.

Então, todo mundo combinou que eu ia fazer o para casa, pra depois poder brincar. Daí, eu e a mamãe sentamos na mesa pra fazer o para casa, e papai disse que ia fazer uma surpresa pra hora que eu acabasse. A mamãe, sabe, quando explicava as coisas, falava tudo de um jeitinho que eu entendo. Ela leu a folha que a tia da escolinha deu e contou que eu ia fazer duas coisas. Primeiro, tinha um monte de desenhos e eu tinha que escrever embaixo qual o nome do desenho. A mamãe mostrou um desenho e perguntou o que era. Eu falei que era pato. Aí ela pegou na minha mãozinha e ajudou a escrever. Ela apontou outro desenho e eu disse que era uma flor, igual a mamãe. Ela pegou na minha mão de novo e ajudou a escrever. A mão da mamãe era tão quentinha e cheirosa que dava vontade de nunca mais parar de aprender a escrever.

Teve uma hora que tinha um desenho de um homem com barba em cima de uma nuvem. Eu falei que o nome daquele desenho era Deus. Aí, mamãe pegou na minha mãozinha e escreveu, falando bem alto, DEUS. Nessa hora, mamãe me perguntou o que era, porque eu dei uma risada. Eu contei: “Legal, né, mamãe, quando a gente escreve, tem ‘eu’ dentro de ‘Deus’”. O olho da mamãe brilhou, que nem se ela tivesse achado uma coisa que tivesse procurando fazia um tempão. Naquele dia tava tudo meio esquisito, porque a mamãe Rosa parecia que tava muito cansada desde a hora que a gente chegou. Mas, mesmo assim, ela falou que eu era uma posszinha muito inteligente. Aí eu disse que eu era pequetinho e ficava mais fácil ver as coisas pequenas dentro das coisas grandes.

Depois que eu falei isso, ela começou a me contar uma história, falando que a gente era muito igual a Deus. Quando ele inventou o mundo mesmo, fez que nem eu respondendo o para casa. Ele desenhou o mundo todo, pra poder falar que era bonito, porque Deus era artista. Mas só quando ele começou a falar o nome das coisas é que elas começaram a existir. Foi aí que Deus começou a contar o faz de conta do mundo. Sabe, a mamãe contava mesmo as coisas de um jeito que eu entendia.

Depois que a mamãe contou a historinha, eu tive que fazer a segunda atividade do dever. Na folha, tinha duas palavras, e eu precisava desenhar a primeira coisa que eu pensasse quando visse as palavras. A primeira palavra que a mamãe leu era “amanhã”, só que eu não sabia direito o que significava. Aí ela me disse que “amanhã” era quando a gente dormia e acordava no outro dia. Nessa hora, eu pensei que, de noite, quando mamãe arrumava minha cama, ela tava preparando o amanhã. Então, sabe o que eu desenhei? Eu me desenhei acordando na cama, com a mamãe de um lado e o papai do outro.

A outra palavra que eu tinha que desenhar era destino, mas eu também não sabia direito o que era. Mamãe Rosa me disse que era quando a gente

chegava lá na frentão e descobria o que Deus ia contar na historinha do mundo. Precisava da gente dormir e acordar, dormir e acordar, dormir e acordar um tanto de vezes pra ver o que ia acontecer. Só que eu não entendi direito. Mamãe contou o que era de novo, só que eu ainda não entendi por que a gente tinha que dormir um tanto de vezes, e não podia ver agora o que acontecia na historinha de Deus. Eu acho que dessa vez a mamãe também não sabia direito. De vez em quando, na hora que eu perguntava, ela segurava a cabeça, apertava forte e respirava. Que nem se tivesse tentando segurar um pensamento. Uma ideia muito difícil.

Mas eu acho que o papai me explicou o que era o destino sem querer. Na hora que a mamãe tava tentando me explicar o papai chegou, carregando um barco de papel desse tamanho que ele tinha feito. Quando o pai Pedro me deu a surpresa que ele tinha feito, eu peguei o barco e perguntei pra que servia o barco. Ele respondeu que o barco servia pra levar a gente onde quisesse ir, mesmo um lugar muito longe. Mas, enquanto a gente não chegasse, o barco virava nossa casa e virava também o nosso caminho. Assim, dava pra conhecer um tanto de lugar, até o fim do mundo, onde o papai ia todo dia. Na hora que o papai falou isso, eu fiquei numa vontade de rir um monte, que nem se eu adivinhasse o que o papai tinha falado. Igual quando a gente acha alguém no esconde-esconde. Daí, eu corri e desenhei um barco embaixo da palavra destino. Sabe, papai tem nome de pescador, Pedro, só que ele fala que é pescador de viagens. Papai diz que ele trabalha de viajador, dirigindo um caminhão. Ele conta sempre que o caminhão chama assim porque é pra fazer um caminho grande, que tem que ir lá no fim do mundo.

Na hora que eu tava fazendo o para casa, já tava até esquecendo a brincadeira de esconde-esconde. Mas, quando eu tava acabando o desenho, o vovô veio correndo e falando bem, bem alto se eu já tinha terminado esse para casa. Tava na hora de brincar de esconde-esconde, então. Ele me pegou de cavalinho e me levou até onde a gente começou a brincar. O vovô chama Lúcio, mas a mamãe chamava ele de criação arteiro, porque ele faz arte toda hora. Sabe, parece que a mamãe é que fazia as coisas existirem, o papai ensinava os caminhos e o vovô fazia tudo virar arte.

Pra começar o esconde-esconde, vovô Lúcio disse que eu tinha que tampar os dois olhos e contar. Vovô tava rindo muito naquele dia. Ele tava rindo muito mais do que sempre ri. Desse tanto. Mas, na hora que eu olhei pra mamãe, eu senti meu coraçãozinho ficando pequeno, porque ela tava olhando de um jeito triste! E aí eu perguntei pra ela por que ela tava com cara triste. Mas o vovô veio, rindo muito, muito, e falou que não era nada. Era só uma dor de cabeça, porque fazia muito tempo que ela não brincava. O vovô contava que gente grande aprendia a ficar bobo, porque parava de brincar e não sabia mais fazer arte. Vovô ria muito, muito. Olhava pra mamãe e disse pra eu tampar os olhos e

contar, porque quando começasse a brincadeira ia ficar todo mundo rindo um tantão. Ele perguntou quem é a possoinha da mamãe? Quem conseguia fazer a mamãe rir se não era a possoinha dela?

Eu balancei a cabeça e falei que tá. Depois eu fechei os olhinhos bem forte e comecei a contar. Eu tinha que procurar um tanto, porque a casa é um labirinto. Aí, enquanto eu procurava, eu pegava o barquinho que o papai me deu e fazia de conta que tava viajando nele. Precisava viajar muito pra poder chegar onde tava o vovô, o papai e a mamãe. A viagem era sempre perigosa porque tinha perigo de ficar perdido num labirinto do tamanho do mar pro resto da vida. Só que era legal porque quando eu demorava a achar eles, vovô, papai e mamãe começavam a assoviar, e eu ia escutando e viajando no barquinho até achar todo mundo. Depois a gente repetia e eu começava a procurar de novo, tantão de vezes.

Mas teve uma hora que eu fiz chuva no coração, por causa de uma dor muito grande, assim ó, que eu nem nunca tinha visto. Já tinha achado o vovô, o papai e ainda tava procurando a mamãe. Eu entrei no quarto do vovô e, na hora que eu olhei atrás da porta, a mamãe tava lá! Daí eu saí correndo pra contar pro papai e pro vovô que já tinha achado a mamãe, só que eu tropecei e caí no chão. A mamãe veio correndo com aquela carinha triste que tava antes de começar a brincar. Que nem se nunca mais acabasse de chorar. O papai e o vovô também chegaram correndo. Mas nessa hora eu comecei a chorar. E chorava e chorava desse tanto. Papai e vovô e mamãe falavam pra eu não chorar, e eu não conseguia parar. Eu olhava pra carinha triste da mamãe, e ela fechava os olhos e colocava a mão na cabeça, que nem se tivesse tentando esconder. Eu chorava alto, e mais alto, sem conseguir parar. Todo mundo falando pra eu não chorar, e eu chorava.

Mas nessa hora pareceu que tudo parou de existir, que Deus desinventou o mundo, desfez de conta. Pareceu que não tinha nem antes, nem depois, nem aqui, nem ali. Pareceu que não tinha mais palavrinha que conseguisse contar o faz de conta do mundo. Nessa hora eu parei de chorar. Nessa hora a mamãe deu um grito tão alto que eu nem nunca mais escutei: “Eu vou fugir disso tudo! Quando eu deixar isso aqui, eu não vou mais precisar escutar esse choro, eu não vou sentir mais dor nenhuma!” Eu fiquei quietinho. Não pareceu nem que era a mamãe. Eu não bati em lugar nenhum, nem machuquei, mas eu senti uma dor tão grande, que nem se eu não conseguisse mais existir. A mamãe tava chorando e o vovô pegou na mão dela pra levar pro quarto. Eu acho que a minha dor derramou num tanto de lágrima, só que nessa hora era só a mamãe que chorava. Parecia que ela queria a dor toda só pra ela pra eu não precisar chorar mais. Eu tentei parar de doer pra ela não precisar mais derramar aguinha, mas eu não consegui. Aí, eu fiquei com muito medo da mamãe querer fugir.

Quando o vovô e a mamãe entraram no quarto, papai me pegou no colo

e me carregou até o quintal. Eu quis ir no quarto pedir desculpa pra mamãe e falar pra ela que não precisava fugir, que eu não ia chorar nunca mais. Só que eu fiquei com medo. Parece que nessa hora eu desaprendi o caminho pra achar a mamãe Rosa.

Na hora que a gente chegou lá fora, o papai me colocou no chão e sentou do meu lado. Ele começou a passar a mão na minha cabeça. Eu acho que ele também ficou com medo, porque só ficava olhando pro chão. Eu perguntei se a mamãe ia ficar de mal de mim pra sempre. Igual se ele tivesse assustado, ele olhou pra mim e falou que ela nunca tinha ficado de mal de mim. O que acontecia é que, de vez em quando, a gente só não entendia o que tá acontecendo. Ele pegou o meu barquinho e contou que tem vez, quando a gente tá navegando lá no meio do mar, que aparece uma tempestade muito forte. Na hora da tempestade, a gente acha que não vai dar conta, não sabe pra onde vai. A gente fica com muito medo. Mas sempre precisa de passar pro outro lado da tempestade, mesmo se tiver com muito medo. Aí eu perguntei pro papai se a tempestade era que nem se tivesse um lobo mau no meio do mar. Nessa hora ele levantou e disse que sim, que era do mesmo jeitinho. Então ele falou pra eu ir correndo lá na mamãe pra ver como ela ia me dar um abraço bem gostoso.

Daí eu saí correndo até lá no quarto do vovô. Quando eu cheguei lá, eu fui andando até a porta bem devagarinho pra mamãe não me xingar. Sabe, de vez em quando, eu acho que gente grande já brincou tanto de esconde-esconde que fica perdido pra nunca mais. Porque eu olhei pra dentro do quarto e escutei o vovô falando alto com a mamãe. Ele disse que era por isso que não acreditava em Deus. Ele falou “o meu Deus sou eu”. Que o certo mesmo era ir ele, porque ele já era mais velho. Mas aí os dois olharam pra porta e me viram. Eu fiquei com medo da mamãe gritar de novo, mas ela abriu os braços e disse “Vem cá, posszinha da mamãe!”.

Eu fui correndo e abracei ela bem forte. Naquela hora eu senti o amor da mamãe batendo dentro do meu peitinho. Ela começou a me beijar e dizer que me amava. O colo da mamãe era cheiroso, e tão quentinho, tão quentinho, tão quentinho...

Quando eu acordei já era de noite. A gente tinha voltado pra casa e a mamãe tava me colocando na caminha e me cobrindo. Eu aproveitei e pedi pra ela contar uma historinha. Ela começou a contar uma história que tinha lobo mau. Toda noite a mamãe tecia uma historinha pra mim. Quer dizer, ela falava que tecia a historinha, porque contava um faz de conta ao mesmo tempo que tricotava um pijaminha pra mim. Teve um dia, sabe, que a mamãe falou que ia colocar o meu nominho no pijama, Gabriel. Ela contou que quando ele ficasse pronto, ia me esquentar quentinho toda noite. Daí o pijama ia ser que nem se

a mamãe tivesse junto de mim pra sempre. Mas eu falei que ela já tava junto comigo pra sempre desde antes de eu nascer.

Depois de contar um tanto da história do lobo mau, a mamãe parou e disse que terminava no outro dia. Ela nunca terminava uma história na mesma noite que começava, só pra poder ficar um pouquinho pro outro dia. Ela já ia preparar pra me dar boa noite, e eu perguntei por que o lobo mau era mau. Ela respondeu que era porque ele era vazio de bondade. E eu quis saber de novo que, se ele era vazio de bondade, então por que tem “bom” dentro de lobomau? Mamãe parou e ficou pensando. Aí respondeu que talvez fosse porque ele tinha desaprendido de ser criança e não conseguisse ver as coisas pequetitinhas dentro das coisas grandes, que nem eu fazia.

Então, a mamãe me deu um beijo e levantou pra apagar a luz, mas eu chamei ela de novo. Mamãe, Deus mente pra gente? Foi o que eu perguntei de repente. Ela quis saber por que eu tava perguntando aquilo, e eu falei que tinha escutado o vovô falando que não acreditava mais em Deus. Depois disso, ela voltou e sentou do meu lado de novo. Minha mãe Rosa contou que não era porque Deus tinha mentido, mas porque tinha parado de falar. Teve um dia que, de repente, Deus parou de contar a historinha da minha vó Perséfone. Desde esse dia, o vovô ficou sozinho naquela casa e foi aí que ela virou labirinto. Ele não queria acreditar no silêncio de Deus, que a vovó não tinha mais nenhum pouquinho de história a ser contada. Sabe, tem hora que eu acho que gente grande tem mais medo de lobo mau do que eu. Deve existir medo que a gente tem que sentir junto, abraçado. Mas sentir sozinho é doído demais.

Então, a mamãe disse que era pra eu dormir pra acordar depois bem descansado e brincar muito. Eu perguntei se quando a gente acordasse já era amanhã. Ela falou que era sim, mais um amanhã. Daí me abraçou e me fez carinho até eu dormir.

No outro dia, o papai foi me acordar sentado na beirada da cama. Acorda, possoinha. Na hora que eu acordei, eu abri um olhão que nem se quisesse ver o mundo todo e perguntei pro papai se já era o amanhã. O papai deu um risadão desse tamanho e disse que era. Aí eu gritei: Olha, é verdade! É verdade! E papai derramou de rir.

Então ele falou que era pra gente levantar e tomar café da manhã. Mas, desde antes, eu fiquei querendo perguntar uma coisa pro papai. Antes da gente levantar, eu perguntei se ele já tinha feito a mamãe ficar triste algum dia. Ele respondeu que todo mundo, mesmo sem querer, tem hora que faz quem ama ficar triste. E eu quis saber como ele tinha feito a mamãe ficar alegrinha de novo. Ele contou que era sempre bonito dar um monte de flores de presente.

Eu queria que a mamãe não ficasse mais triste comigo, pra ela não precisar deixar a gente. Daí que eu quis ir lá no terreno na frente da casa do vovô e pegar um tanto de rosas pra dar pra ela. Eu nunca tinha ido pra depois do

muro de casa sozinho. E também tinha medo de ficar sozinho na rua do vovô, porque eu achava que ia me perder lá no fim do mundo e aí ia ver o lobo mau. Mas eu ia precisar viajar lá e precisava ir sozinho, porque era por minha causa que mamãe tinha sentido dor.

Depois do café da manhã, eu peguei o meu barquinho e falei com o papai que ia brincar no quintal. Quando saí lá fora, eu precisava passar pelo portão pra chegar depois do muro, só que teve um problema. Eu era muito pequetinho pra alcançar o abridor do portão. Nem subindo numa pedra que tinha perto do portão não dava pra alcançar. Eu achei que precisava crescer pra viajar fora do muro. Mas não dava pra esperar, tinha que ser agora. Foi aí que eu vi uma vassoura que a mamãe usava encostada ali perto. Então eu peguei no cabo e tentei usar o varredor pra abrir o portão, igual se fosse um braço. A primeira vez não deu certo, mas eu tentei e tentei até que numa hora claft e o portão abriu.

Eu já andei lá fora com a mamãe e com o papai, só que quando eu saí sozinho o mundo todo pareceu que tinha ficado bem mais grande do que antes. Fiquei pensando como o papai e a mamãe tinham aprendido tudo aquilo tão grande. Eu pensei que ia ter que andar quase muitos anos, até chegar na frente da casa do vovô. Fui seguindo o mesmo caminho que o papai e a mamãe faziam, olhando tudo pra lembrar o caminho pra voltar. Tinha tanta coisa, e era tudo tão grande e tão longe. Eu fiquei com medo de não conseguir voltar, só que eu continuei mesmo assim. Eu nunca andei desse monte. Nem sei quanto tempo demorou, mas até cansei de tanto andar. Foi até que numa hora cheguei na rua do vovô, na frente do terreno das flores. Eu tentei olhar lá na frente, pra ver o final da rua, mas ela parecia que nem acabava. Era um caminho pra nunca mais, pra só acabar lá no fim do mundo.

Daí eu olhei pro terreno e tinha um marzão de flores. Agora, precisava correr e pegar o máximo de rosas que desse pra poder levar pra mamãe. Pegava um tanto de muitas cores, que era pra poder ficar bem bonito. Ia ser que nem se eu desse pra mamãe um desenho que virasse verdade. Aí quanto mais colorido fosse mais bonito. Só que teve uma hora que o espinho de uma flor machucou o meu dedo de sair sangue. Nessa hora, eu lembrei de uma vez que a mamãe teceu a história de uma menina que machucou o dedo num espinho e morreu cem anos até o papai ressuscitar ela com um beijo. Mas nem fiquei com medo e nem chorei quando meu dedo machucou. Eu só continuei pegando as flores.

Fiquei lá pegando as cores das flores desse tamanho de tempo. Mas aconteceu que na hora de voltar eu tinha pegado tanto tanta flor que nem dei conta de carregar. Nem dava pra ver o caminho direito, porque as flores ficavam tapando os meus olhos. Eu apertava muito os bracinhos, pra nenhuma cair, só que os dedinhos das flores começaram a soltar e cair no chão. Cada um que caía eu pegava e fechava dentro da minha mãozinha. Eu andei o mesmo tamanho de volta e, quando vi que tava chegando em casa, fiquei feliz porque ia dar o

presente da mamãe, então ela não ia precisar fugir.

O portão tava aberto, mas na hora que eu cheguei dentro do quintal o vovô veio correndo e me abraçou com flor e tudo. Ele disse que ainda bem e perguntou onde eu tinha ido. Daí eu contei pra ele a viagem toda pra pegar o presente da mamãe e perguntei onde ela tava. Nessa hora, sabe, o olho do vovô encheu de aguinha. Ele me contou que ela tinha saído com o papai pra ir pro médico. Eu quis saber se ela ia voltar rápido e ele disse que ia sim.

Na hora que a gente entrou em casa, o vovô colocou as flores em um vaso com água, que era pra elas ficarem bem bonitas. Depois ele pegou os dedinhos das flores que tinham caído e colocou dentro de uma vasilhinha com água também. Então ele sentou do meu lado e a gente ficou conversando. Eu não entendi direito, mas o vovô pareceu estranho. Pareceu que ele não queria fazer arte. Mesmo assim a gente ficou conversando e esperando a mamãe. Um tanto de tempo. Um tanto de tempo, até que eu dormi de novo.

Depois que eu dormi, o vovô me acordou sentado do meu ladinho. Eu perguntei se já era amanhã, se a mamãe já tinha chegado. Ele disse que não e pediu pra levantar, porque a gente ia sair pra ver a mamãe. Daí que eu vi que o vovô tava com os olhos muito, muito vermelhos. Eu acho que tava doendo muito os olhinhos dele. Ele pegou as flores todas e falou que era pra eu levar. Quando a gente entrou no carro, eu não entendi direito o que o vô Lúcio ficou falando. Era que nem se a mamãe tivesse ficado dodói e fosse precisar mudar de casa, pra poder ir pra um lugar melhor. Eu perguntei pro vovô se ele ia junto com a gente, mas ele falou que não dava. Mas eu contei pro vovô que era só ele dar um tantão de flor pra mamãe que ela ia ficar muito feliz e ia deixar ele ir também. Na hora que eu desse as flores pra mamãe, ela ia ficar muito feliz e ia derramar risada. Só que o vovô ficou que nem se tivesse com medo, sem nem dizer nada. Só os olhinhos vermelhos.

Depois teve uma hora que a gente desceu do carro e chegou num lugar que eu não quis ficar. Um lugar estranho, igual se tivesse um lobo mau. O vô pegou na minha mão e a gente andou até que entrou num quarto. Lá tinha um tanto de gente e um cheiro muito ruim e gente chorando. Eu não queria ficar lá e pedi pro vovô pra gente ir embora. Mas acho que ele nem escutou. E a gente foi até um outro lugar, mais lá na frente. Aí eu vi que o papai Pedro também tava lá.

Na mesma hora, o papai me pegou no colo e aí eu vi uma coisa que eu não entendi até hoje. Era que nem se eu tivesse com medo, mas eu não sabia por quê. Eu vi que a mamãe tava dormindo toda de branco numa cama muito pequetinha e coberta com um monte de flores. Ela tava tão bonita que eu nunca tinha visto antes. Só que eu não gostei de ver ela assim. Eu queria que ela saísse dali, que aquele monte de gente fosse embora. Eu perguntei pro

papai por que a mamãe tava dormindo naquela cama apertadinha. Ele contou que agora mamãe tava morando com Deus. Eu perguntei se era porque quando a gente dormia ia pra casa de Deus, se era por isso que falava pra dormir com Deus. O papai ia falar uma coisa, só que antes eu estiquei os bracinhos e abracei a mamãe. Mas naquela hora eu não senti o amor da mamãe batendo dentro do meu peitinho. E a pele da mamãe tava muito friazinha. Dessa vez, em vez do meu peitinho derramar de risada, começou a crescer uma dor forte e uma vontade de chorar. Eu comecei a chamar, balançar a mamãe, falar pra ela acordar, mas ela não acordava. Eu falei pro papai acordar a mamãe, que ela tava com frio e ia ficar com dodói. Ele desabou de chorar e disse que a mamãe nunca mais ia acordar. Aí eu comecei a falar: a mamãe não vai mais acordar? Então a mamãe não vai mais ter amanhã? E o coração machucou até quebrar. E eu comecei a chorar e gritar. Desculpa, mamãe! Eu não vou chorar nunca mais! Não foge não. Não me deixa não! Eu não vou chorar nunca mais! Eu chorava, gritava e beijava a mamãe, mas ela não acordava. Beijava, beijava, beijava, mas não acordava. Não foge não, mamãe. Olha, mamãe, eu peguei tantão de flor pra senhora nunca mais sentir dor e ficar feliz pra sempre. Mas ela não queria, ela não pegava. Acorda a mamãe, papai! Acorda a mamãe, leva ela pra casa! E o papai me abraçou e começou a falar comigo e eu nem escutei. E um monte de gente chegou perto e falou comigo, que eu nem escutei. Sai daqui, vai embora, deixa a mamãe em paz! Papai, tem um lobo mau dentro do meu peitinho. Tá mordendo o meu coração, tá doendo, faz parar, papai. Nessa hora o papai me abraçou forte, mas não parou de doer. Eu chorava e gritava. Mas o papai e o vovô também choravam. O lobo mau também machucava o coração deles.

Teve uma hora que papai falou pra eu beijar a mamãe. Eu beijei e ele também beijou, mas a mamãe não acordou, o amanhã não chegou pra ela. Aí um tanto de gente segurou junto e colocou uma tampa na cama da mamãe. Não deixa, não, papai, mamãe não vai conseguir levantar, papai! Eles pegaram a cama e começaram a andar. Aquele tanto de gente andou junto. Foi andando até chegar na beira de um buraco grande. Eles colocaram a caminha da mamãe lá dentro. Papai falou pra eu despedir da mamãe e dar o presente pra ela, pra jogar as flores lá dentro. Eu joguei as flores lá dentro e gritei que também queria dormir até ela acordar, porque só ela é que ia conseguir me dar remedinho pro coração. Mas ninguém me deixou ir pra junto da mamãe. Foi aí que eu vi que o machucado do espinho no meu dedo tinha sangrado de novo. A minha mão e os dedos das flores tinham sujado de sangue. Era a dor derramando até eu não querer ficar mais acordado.

Eu acho que esse foi o oitavo dia de Deus. O dia que Deus apagou toda historinha e tudo virou labirinto. E não quis contar mais nenhuma historinha.

Depois de tudo, já lá em casa, papai deitou na caminha junto comigo, que nem quem tá muito cansado. Quando eu olhei pro lado, vi que a mamãe ainda

não tinha terminado o meu pijaminha. Nem tinha acabado de tecer a historinha do lobo mau. Aí, então, eu dormi.

Eu dormi, acordei, dormi, acordei, dormi, acordei. Mas todo dia a mamãe não acordava. Não tinha mais historinha. As palavras não conseguiam mais fazer de conta. O pijaminha com meu nome não ficava pronto. O meu nome ficava no meio. Depois papai e vovô contaram que a mamãe tinha ficado dodói muito rápido e tinha precisado descansar, mas que ela ainda ia ficar olhando lá de cima. E eu perguntei pra eles se lá em cima ficava no destino, lá no fim do mundo. Eles falaram que era. E eu pedia pro papai me levar lá, mas ele falava que tinha que esperar. Só que eu não queria. Eu começava gritar, brigar, quebrar tudo. Parecia que a mamãe queria fugir era de mim. Ela fugiu pro sono, que ficava tudo quietinho, em silêncio, sem historinha, sem choro. Mas, se eu não era mais a posszinha da mamãe, quem eu era? Depois disso tudo, eu não queria mais viajar com meu barquinho. Eu não queria mais brincar. Quando o vovô vinha fazer arte comigo, eu começava a gritar e brigar. Eu queria dormir, só que todo dia eu acordava. Mas mamãe não.

Eu dormi, acordei, dormi, acordei, dormi, acordei. Só que o destino nunca chegava. O machucado não sarava, e a dor no peitinho crescia todo dia. Até que numa hora eu saí correndo de casa, pra além do muro. Eu comecei a correr, o máximo que dava. Tinha que correr até o final da rua do vovô pra chegar lá no fim do mundo e encontrar a mamãe. Tinha que passar pra depois do medo, tinha que passar pra depois do lobo mau. Tinha que chegar lá no fim do mundo, onde o destino nasce. Eu corria o mais depressa que dava. Quando eu cheguei na rua do vovô, dava pra ver a casa dele e o terreno das flores. Mas não dava pra ver o fim da rua. Por isso tinha que correr muito. Na hora que eu passei na frente da casa do vovô, Deus fez uma chuva grande, tempestade. Eu gritei, gritei alto: Eu te odeio, Deus. Eu não acredito em você, Deus. Você parou de contar a historinha da mamãe. Eu te odeio. E eu corria, corria. Dava pra ver nada de tanta água. E o lobo mau rugia toda hora dentro da chuva que nem uma explosão. Corria o mais depressa. Corria muito. Mas nunca dava pra ver o fim do mundo. Aí teve uma hora que eu passei de novo na casa do vovô. Eu não entendi por que, mas continuei correndo. Aí passei de novo na frente da casa do vovô. E de novo. Quanto mais eu corria, mais eu passava na frente da casa do vovô. Até que numa hora, quando eu tava passando de novo lá na frente, eu tropecei e caí no meio daquele tanto de água.

Então o papai chegou correndo e me abraçou. Daí eu comecei a chorar. Eu não queria chorar, se não a mamãe não ia querer voltar, mas não conseguia parar. Eu pedi pro papai: O senhor já foi lá no fim do mundo, me ensina o caminho até o destino, papai! Nessa hora, ele falou uma coisa que eu nunca tinha sabido. Ele

contou que também não sabia como que chegava até o destino. Não existia um caminho certo, e a gente tinha que descobrir sozinho. Eu ia ter que viajar muito pra descobrir o meu caminho até lá. Só que ele e o vovô iam estar lá sempre pra me ajudar. E eu também ia ajudar muito o papai e o vovô a descobrir o caminho deles. Sabe, eu acho que pra descobrir o destino, a gente tem que viajar até muito, muito depois do fim do mundo. Foi essa a primeira vez que eu vi que o papai não sabia todos os caminhos. Aí eu perguntei: a gente tem que acreditar em Deus, papai? Ele mente pra gente? Por que ele fez essa tempestade? Ele não quer que eu encontre a mamãe? Papai disse que também não sabia. Mas ele falou que ia me fazer uma pergunta, e eu ia ter que escolher o que achava que era verdade, mas isso podia ser que demorasse muito. Ele perguntou: será que era uma tempestade que Deus tinha feito, ou será que Deus também tava chorando? Será que cada vez que a gente chora o eu que tem dentro de Deus chora também? Nessa hora, eu pensei se Deus também tinha lobo mau.

Sabe, eu não tomei remedinho, nem fui no médico, mas parece que nessa hora a dor melhorou um pouco até que eu não precisasse de chorar. Eu acho que, de vez em quando, o lobo mau é a gente mesmo, quando a gente fica vazio de felicidade. Depois desse dia, eu ainda pensei muito e ainda não entendi nada direito. Mas, olha, eu acho que não é que a mamãe não vai mais ter amanhã. É que o amanhã virou pra sempre. E também não é que eu não sou mais a possóinha da mamãe. Mas é que numa hora os nossos caminhos ficaram diferentes. Igual um esconde-esconde que demora muito mais tempo. Agora, eu tenho que viajar um caminho diferente, com dores diferentes. Só que até hoje eu guardo o pijaminha, pra quando chegar lá no destino ela terminar de tricotar e de tecer a historinha do lobo mau. Todo dia, eu pego uma florzinha e coloco do lado da minha cama. Todo dia, quando eu acordo, passo a mão nos dedinhos das flores, igual se tivesse pegando na mão da mamãe. ■